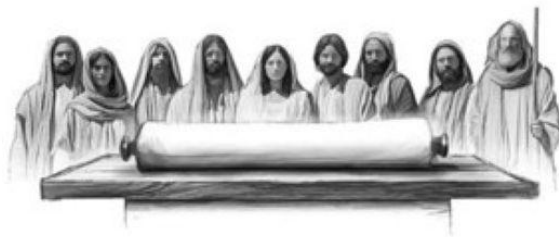


Autoridade e relevância proféticas



Sábado, 28 de Novembro

Leia para o estudo desta semana: Êxodo 4:10-16; Lucas 8:22-25; João 3:1-10; Atos 16:25-34; 1Coríntios 5:1-5; Lucas 7:28

Verso para memorizar: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para julgar os pensamentos e propósitos do coração” (Hebreus 4:12).

Em 9 de novembro de 1989, a declaração de Günter Schabowski na televisão ao vivo, na Alemanha Oriental comunista, colocou em movimento a queda do Muro de Berlim. Falando como porta-voz da imprensa da Alemanha Oriental, Schabowski cometeu um erro ao fazer uma declaração durante a coletiva de imprensa televisionada.

Em vez de anunciar que os alemães orientais poderiam ter permissão para visitar a Europa Ocidental depois do longo e difícil processo de obtenção dos vistos apropriados, ele simplesmente disse que os alemães orientais teriam permissão para visitar a Europa Ocidental. Quando um repórter perguntou quando a mudança de política entraria em vigor, Schabowski disse: “Pelo que sei, isto entra em vigor . . . imediatamente, sem demora.” Em poucos minutos, as pessoas começaram a se dirigir em grande número aos postos de controle da fronteira, exigindo que lhes fosse permitida a passagem, conforme o governo havia anunciado.

Muitas vezes, pessoas receberam autoridade para falar em nome de uma empresa ou até mesmo de um país. Mas e quanto àqueles que falam em nome de Deus? Nesta semana, examinaremos que autoridade os profetas bíblicos possuem e que autoridade, se é que alguma, é exercida por profetas que nunca escreveram um livro da Bíblia, como o profeta Natã, João Batista e, sim, até mesmo Ellen G. White.

Porta-vozes da autoridade de Deus

Antes de dar a alguém permissão para falar em seu nome, você não se certificaria de escolher uma pessoa em quem confiasse? Seria importante que essa pessoa conhecesse o seu posicionamento e o expressasse fielmente.

1. Leia Êxodo 2:11-15; 3:1-3, 10-13. Como o período em que Moisés foi pastor o preparou para ser porta-voz de Deus?

Moisés havia passado os primeiros 40 anos de sua vida recebendo a melhor educação que o Egito tinha a oferecer, mas isso não o prepararia para se tornar o mensageiro de Deus. Ele teve de passar os 40 anos seguintes no deserto como pastor, sem as distrações do mundo. De muitas maneiras, ele teve de desfazer muito do que havia aprendido como príncipe. Antes que pudesse cooperar na libertação de Israel, Moisés precisava conhecer o Deus em cujo nome falaria.

2. Leia Êxodo 4:10-16. O que podemos aprender, nesse diálogo entre Deus e Moisés, sobre como os profetas são chamados e como atuam?

Foi pedido a Moisés que desempenhasse o papel de Deus, enquanto Arão assumiria o papel de porta-voz de Moisés (Êxodo 4:16; ver também Êxodo 7:1). Assim como fez com Moisés e Arão, Deus ajuda Seus profetas a encontrar a melhor maneira de transmitir a mensagem que Ele lhes dá.

Moisés sabia que havia falhado anteriormente. Ele se lembrava de seu último encontro com seus compatriotas israelitas, quando sua autoridade havia sido questionada (Êxodo 2:14). Deus compreendia a apreensão de Moisés. Ele tratou pacientemente com seus temores. Todas as razões para apresentar desculpas haviam sido removidas, mas, mesmo assim, Moisés resistiu ao chamado.

Seus temores haviam passado para a incredulidade. Por sua relutância, ele estava questionando a capacidade de Deus de usá-lo. Foi então que Deus deu uma ordem inequívoca para fazer o profeta relutante se mover (Êxodo 4:14–17).

Você talvez não seja um profeta, mas para o que Deus tem chamado você ao longo da sua vida? Qual é a melhor forma de se preparar para esse chamado?

A autoridade de Cristo

3. Leia Mateus 21:23-27 e João 17:2. Qual era a base da autoridade de Jesus? Que evidências confirmavam essa autoridade?

Enquanto Jesus ensinava, os sacerdotes foram até Ele e exigiram saber quem Lhe havia dado autoridade para realizar esse ministério. Afinal, Jesus não havia se formado em nenhuma das escolas locais, nem havia recebido treinamento nas escolas tradicionais dos rabinos. Em vez de responder às perguntas deles, Jesus apontou o caminho para a resposta, perguntando aos Seus interrogadores sobre a autoridade inconfundível demonstrada por João Batista. Ao se recusarem a responder, eles não apenas rejeitaram o poder de Deus que coroava o ministério de João, mas também a autoridade de Jesus, que, assim como João, também havia sido enviado por Deus.

4. Leia Mateus 7:28, 29; Marcos 1:21-27; Lucas 8:22-25; 9:1; João 5:25-27; 7:38. O que esses textos nos ensinam sobre a autoridade de Jesus?

Toda a autoridade pertence a Jesus como Criador da humanidade (João 1:3) e Salvador (Romanos 3:24). Ele é a Palavra de Deus. A autoridade divina possuída por Jesus durante Sua vida e ministério terrestre não poderia ser imitada nem produzida por iniciativa própria por ninguém. O ensino de Jesus causava admiração nos ouvintes porque Ele ensinava como Alguém que tinha autoridade (Mateus 7:29).

Todos os Evangelhos registram a autoridade profética sobrenatural de Jesus. Jesus perdoava pecados (Marcos 2:10, 11), expulsava demônios (Marcos 3:15) e sabia o que as pessoas estavam pensando (João 2:24, 25). Ele ressuscitava os mortos e oferecia a vida eterna (João 10:28).

Enquanto estava na Terra como nosso Redentor, Jesus exercia a autoridade que Lhe havia sido dada por Deus Pai (João 17:2) e dependia do Pai e cooperava com Ele (João 5:19) em todos os momentos, frequentemente fazendo referência às Escrituras, que, segundo Ele, testificavam a Seu respeito. Jesus também possuía autoridade absoluta e podia delegar essa autoridade aos Seus discípulos (Marcos 6:7). Como a Palavra de Deus, Seu testemunho também chegava aos profetas por meio dos quais Ele falava (Apocalipse 19:10).

Apesar de todas as evidências apresentadas por Jesus, algumas pessoas ainda O rejeitaram. Como podemos evitar cair na mesma armadilha da incredulidade?

Autoridade bíblica

A Bíblia é o produto da revelação profética e inspirada de Deus. Ela responde às grandes questões da vida e é o meio singular de Deus revelar-Se à raça humana. Por meio das Escrituras, aprendemos o significado da existência humana, o caráter e a vontade de Deus e o propósito de Deus para nossa vida. A Bíblia é o padrão-ouro da verdade, a autoridade pela qual devemos fazer escolhas na vida. Ela é o fundamento da cosmovisão cristã e a base de toda verdade revelada. É a regra de fé e prática do cristão.

Podemos aceitar ou rejeitar a Palavra de Deus, e não precisamos chegar ao extremo de queimar nossas Bíblias, como fez o rei Jeoaquim (ver Jeremias 36:22–27) ao rejeitá-la. Ignorá-la, mesmo enquanto professamos crer nela, pode ser igualmente problemático. Quando descobrimos e aceitamos a Palavra de Deus, podemos, como o rei Josias, ser transformados e conduzir outros a Deus (ver 2 Reis 22:10–13).

Hoje, as pessoas frequentemente abordam as Escrituras procurando suas falhas ou ridicularizando-as. Alguns consideram a Bíblia ultrapassada em relação aos costumes contemporâneos (geralmente ela é, e também deve ser). Muitos a desprezam porque ela contradiz tendências “científicas” ou culturais.

No cristianismo, a Bíblia é frequentemente usada apenas para apoiar uma determinada posição teológica, em vez de ser usada como meio para o crescimento e a reforma espiritual pessoal. Outros interpretam a Bíblia de tal maneira que lhe negam qualquer autoridade histórica ou prática sobre sua vida diária.

Uma das maneiras mais fáceis, e talvez mais comuns, de rejeitar a autoridade bíblica é ignorar a Bíblia e não dedicar tempo para ler as Escrituras e, então, aplicá-las à nossa vida.

5. Que efeito a Palavra falada de Deus produziu nas seguintes situações? Jeremias 38:1-4; João 3:1-10; Atos 16:25-34.

Nos tempos antigos, o material para escrever era escasso e caro. Além disso, muitas pessoas não sabiam ler, de modo que a Palavra de Deus falada por meio de Seus profetas era essencial.

Sob o poder do Espírito Santo, a Palavra de Deus, seja falada ou escrita, pode penetrar no coração para revelar o pecado e trazer reforma e restauração. A Palavra nos chama ao arrependimento e à obediência (Atos 5:29; ver também Hebreus 4:12). E essa é frequentemente a razão pela qual muitas pessoas que deveriam saber melhor a rejeitam. Elas não gostam das exigências que ela faz sobre sua vida.

Autoridade organizacional

Oseias 12:13 deixa claro que “por meio de um profeta o Senhor tirou Israel do Egito, e por meio de um profeta ele foi preservado”. Proteger e guiar o povo de Deus era uma parte fundamental e essencial do trabalho dos profetas bíblicos.

Se lermos textos como Juízes 4:4–8, 2 Crônicas 20:14–17, Êxodo 12:1–3 e Deuteronômio 1:9–16, podemos ver que os profetas eram fundamentais para revelar a estratégia de liderança de Deus para o Seu povo. Em tempos de guerra e crise, os profetas eram o meio pelo qual Deus oferecia direção, encorajamento e esperança ao Seu povo e aos seus líderes, como fez por meio de Jaaziel e Débora.

Os profetas também davam orientação a respeito das festas e da adoração (Êxodo 12:1–3). Em outras ocasiões, Deus falava aos profetas a respeito do governo da nação. Em resumo, nenhuma área da vida dos israelitas estava além da direção e orientação de Deus por meio de Seus mensageiros escolhidos.

6. Em quais áreas específicas o dom profético auxiliou na organização e na liderança da igreja cristã do primeiro século? Atos 6:1-7; 1Coríntios 5:1-5; 7:10-16; Tito 1:5.

Imagine começar uma nova organização sem um manual operacional e sem um líder visível. É certo que tal organização enfrentaria sérios desafios. Em certo sentido, essa era a situação da igreja cristã primitiva. Jesus havia ascendido ao Céu e já não estava com Seus discípulos. Eles tinham uma instrução clara da parte Dele: “Ide por todo o mundo e pregai” (Marcos 16:15). Embora os doze apóstolos tivessem sido escolhidos, não havia uma estrutura organizacional clara para ajudá-los a começar.

A igreja primitiva enfrentou muitos desafios, como a organização da igreja, uma estrutura para a missão e a necessidade de identificar e condenar a heresia e a imoralidade entre eles. Em um sentido real, o dom profético atuando na igreja primitiva desempenhou um papel fundamental em sua preservação e proteção (Atos 13:1, 2). Na verdade, é difícil imaginar como a igreja primitiva poderia sequer ter começado sem o auxílio do dom profético para ajudar a organizá-la e conduzi-la adiante na missão.

Algumas pessoas demonstram ceticismo em relação à “religião organizada”. Quais são as vantagens de fazer parte de uma igreja com estrutura organizada? O que você pode oferecer e receber ao integrar algo muito maior do que você mesmo?

Profetas canônicos e não canônicos

7. Leia 1 Crônicas 29:29 e 2 Crônicas 9:29. O que você observa a respeito de alguns dos profetas mencionados nessas duas passagens?

Havia muitos profetas – como Natã, Gade, Aías e Ido – que eram reconhecidos como verdadeiros porta-vozes de Deus, mas cujos livros não se tornaram parte da Bíblia.

8. Leia 1 Reis 11:29-39 e Lucas 7:28. O que esses textos nos ensinam sobre a autoridade dos profetas não canônicos?

Embora não saibamos por que Deus permitiu que as mensagens de alguns profetas fossem incluídas na Bíblia enquanto outras não, sabemos que os profetas não canônicos, cujos livros não entraram nas Escrituras, foram igualmente inspirados por Deus. A Bíblia ensina que os dons espirituais, incluindo o dom de profecia, permanecerão até o fim dos tempos. Ela prediz que haverá profetas pós-bíblicos, não canônicos, com a finalidade de “preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé” (Efésios 4:12, 13). Eles atuarão “antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor” (Joel 2:31).

Depois que Davi cometeu adultério e assassinato, Deus enviou o profeta Natã para confrontá-lo (2Samuel 12:7-14). Embora Natã não tenha escrito nenhum dos livros da Bíblia, Davi não questionou sua autoridade. Isso porque a autoridade dos escritos proféticos se baseia em sua inspiração divina, e não no fato de terem sido ou não incluídos no cânon bíblico.

Ainda assim, todos os verdadeiros profetas não canônicos – especialmente profetas posteriores à época bíblica e uma profetisa moderna como Ellen White – se viam subordinados à autoridade das Escrituras. Suas mensagens precisavam ser provadas pela Bíblia e não a substituíam como fonte de fé e doutrina.

Ellen White escreveu: “O Senhor deseja que estudem a Bíblia. Ele não deu alguma luz adicional para tomar o lugar de Sua Palavra. Essa luz deve conduzir as mentes confusas à Sua Palavra, a qual, se for ingerida e assimilada, é como o sangue que dá vida à alma” (Mensagens Escolhidas [CPB, 2023], v. 3, p. 24). Até que ponto, como igreja, temos realmente atendido a essas palavras?

Falando com autoridade

Os profetas falam com autoridade e relevância porque Deus os escolheu como mensageiros. Há profetas canônicos (cujos escritos fazem parte da Bíblia), profetas não canônicos (que não escreveram livros da Bíblia) e profetas pós-bíblicos, não canônicos (que surgiram depois da época do NT). Todos foram igualmente inspirados, e suas mensagens traziam o selo da autoridade divina.

Ellen White pertence ao grupo dos profetas pós-bíblicos e não canônicos. Ainda assim, os adventistas não consideram seus escritos um acréscimo à Bíblia nem os colocam no mesmo nível dela. Seus escritos são, porém, relevantes e carregados de autoridade – algo que a própria Ellen White declarou: “Nessas cartas que escrevo, nos testemunhos que apresento, coloco diante das pessoas exatamente aquilo que o Senhor me apresentou. Não escrevo na revista um artigo sequer expressando meras ideias minhas” (Mensagens Escolhidas [CPB, 2022], v. 1, p. 23).

Em harmonia com a Bíblia, Ellen White destaca a realidade do pecado e nossa necessidade de Jesus, a única esperança de vida eterna, concedida pela graça a todos os que a aceitam pela fé – outro tema marcante em suas mensagens.

Por meio de seus escritos, vemos o conflito entre o bem e o mal desde a queda de Lúcifer até o fim dos tempos, quando o pecado e o mal, juntamente com Satanás e seus anjos caídos, serão erradicados. Os escritos de Ellen White lançam luz sobre os princípios bíblicos no contexto do tempo do fim. Ela fala sobre temas como o perigo da união entre a Igreja e o Estado e sobre a importância da liberdade religiosa; adverte quanto à deterioração da moralidade; e exalta a lei de Deus e sua importância. E, embora nosso entendimento a respeito da marca da besta, por exemplo, não se baseie em seus escritos, suas palavras de fato oferecem valiosos esclarecimentos sobre os eventos finais.

Suas orientações sobre espiritualidade, saúde, educação, relacionamentos familiares, criação de filhos, vida moral e inúmeros outros temas têm ajudado muitos a mudar seu estilo de vida e experimentar uma vida melhor.

Deus tem usado Ellen White para orientar os crentes que vivem nos últimos dias. Seus escritos continuam a falar com autoridade profética e grande relevância.

Informativo *Mundial da Missão*

Com amor, para a Finlândia: A missão de Elsa Luukkanen

Nascida em 20 de maio de 1916, em Sortavala, Finlândia, Elsa Luukkanen cresceu na pobreza. Aos 16 anos, depois de participar de reuniões de reavivamento adventistas, foi batizada — uma decisão que lhe custou, por algum tempo, sua casa e seu emprego por causa da observância do sábado. Ainda assim, apesar da rejeição e das dificuldades, permaneceu firme, e sua jornada como ganhadora de almas começou.

Aos 17 anos, Elsa conduziu sua primeira pessoa a Cristo. Aos 19, já estava pregando. Sua primeira grande oportunidade de falar aconteceu durante uma visita de Páscoa a Laukaa, onde os moradores a anunciaram como a oradora da Sexta-feira Santa.

Com o apoio de um membro da igreja, Elsa estudou na escola missionária adventista de Toivonlinna. Depois, trabalhou como colportora antes de se tornar obreira bíblica. Quando a Segunda Guerra Mundial começou e os homens foram convocados para o serviço militar, Elsa e sua companheira de trabalho bíblico, Aino Varma Lehtoluoto, levaram o evangelho por toda a Finlândia, realizando reuniões evangelísticas em cidades como Joensuu, Pieksämäki e Varkaus.

Apesar da escassez e da oposição durante a guerra, às vezes sendo até impedida de ter acesso a salões públicos, Elsa continuou avançando. Suas reuniões atraíam grandes multidões, e sua pregação sincera, muitas vezes acompanhada de cânticos e música de violão, tocava muitos corações. Em Joensuu, a presença adventista cresceu de cinco para 150 membros em apenas dois anos, formando uma nova igreja. Logo, outras congregações surgiram em outras cidades. Um colega a descreveu como “uma evangelista cheia do Espírito, uma oradora eloquente que conduzia corações e mentes para Deus”.

Depois da guerra, seu impacto apenas aumentou. Em Helsinque, em 1957, ela pregava até três vezes por dia para multidões que lotavam o local, resultando em 80 batismos. Seu trabalho era tão incansável que a Associação pediu que ela tirasse férias.

Mas, para Elsa, descanso significava mais missão. Ao lado de Aino, ela percorreu comunidades de imigrantes finlandeses na América do Norte, pregando, cantando e sustentando-se por meio da costura. Ela chamou isso de “evangelismo de férias”.

Elsa voltou para a Finlândia e, no final da década de 1960, fundou a Sociedade Adventista de Assistência Social, distribuindo dezenas de milhares de cobertores e roupas por regiões pobres do Leste Europeu. Ela e Aino chegaram a levantar fundos e costurar peças para construir uma nova igreja e um centro de assistência social em Kajaani. “Eu não podia simplesmente pregar”, disse ela certa vez. “Como mãe espiritual, eu tinha que encontrar lares para meus filhos.” Elsa Luukkanen encontrou e construiu esses lares em toda a Finlândia, deixando um legado de compaixão e incansável zelo evangelístico.

Quando morreu, em 1996, Elsa havia conduzido mais de 700 pessoas a Cristo e ajudado a estabelecer várias igrejas. Homenageada em 1975 durante o Ano Internacional da Mulher, permaneceu uma voz ousada e incansável em favor da missão, não se deixando deter pelas dificuldades, pela guerra ou pela pobreza.

Fornecido pelo Escritório da Conferência Geral da Missão Adventista, que usa as ofertas missionárias da Escola Sabatina para espalhar o evangelho em todo o mundo. Leia novas histórias diariamente em www.AdventistMission.org.

Acreditamos que Deus aumentou o conhecimento de nosso mundo moderno e que Ele deseja que o usemos para Sua glória e proclamar Seu breve retorno! Precisamos da sua ajuda para continuar a disponibilizar a Lição neste aplicativo. Temos os seguintes custos Firebase, hospedagem e outras despesas. Faça uma **doação** no nosso site WWW.Licao.org

Comentários do Professor

PARTE 1: Visão Geral

Texto-chave: Hebreus 4:12

Foco do estudo: Êxodo 4:10–16, Lucas 8:22–25, João 3:1–10, Atos 16:25–34, 1 Coríntios 5:1–5, Lucas 7:28.

Introdução

A autoridade profética nas Escrituras está fundamentada na revelação direta de Deus, com os profetas bíblicos servindo como Seus mensageiros para comunicar Sua vontade. Hebreus 4:12 afirma o poder e a autoridade final das Escrituras, declarando que “a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes”, penetrando o coração e julgando os pensamentos e as intenções. Esse versículo ressalta a natureza única e poderosa do cânon bíblico, que permanece como a revelação definitiva de Deus e que orienta a fé e a doutrina para todas as gerações.

O papel profético de Ellen G. White deve ser compreendido à luz dessa autoridade final. Como obras pós-canônicas, seus escritos não acrescentam nem substituem as Escrituras, mas servem para elevar e aplicar seus princípios.

Assim como outros profetas não canônicos ao longo da história, seu papel é de exortação, encorajamento e orientação para a igreja, sempre apontando de volta para a autoridade suprema da Bíblia. Esta lição muito importante ajudará seus alunos a esclarecer a relação apropriada dos escritos de Ellen G. White com a autoridade final das Escrituras.

Comentários do Professor

PARTE 2: Comentários

1. O cânon bíblico é a coleção de livros (de Gênesis a Apocalipse) que são divinamente inspirados e, portanto, autoritativos e normativos para a fé cristã.

O cânon bíblico compreende 66 livros, escritos por pelo menos quarenta autores durante aproximadamente mil e quinhentos anos. O termo cânon tem origem na palavra hebraica *qaneh* e na palavra grega kanon, que significam “vara de medir”. Com o passar do tempo, o termo passou a significar uma regra ou padrão, sendo posteriormente aplicado às Escrituras cristãs como o parâmetro pelo qual todos os demais escritos religiosos são avaliados. O cânon das Escrituras refere-se à coleção de livros, de Gênesis a Apocalipse, que são divinamente inspirados, autoritativos e normativos para a fé e a prática cristãs. Os cristãos sustentam que o cânon bíblico é completo e fechado, o que significa que nenhum escrito adicional pode ser acrescentado. Assim, a Bíblia é a revelação completa e final da vontade de Deus para a humanidade e a autoridade suprema para a fé e o ensino cristãos (2 Timóteo 3:16, 17).

2. Os profetas da Bíblia eram de dois tipos básicos: canônicos e não canônicos.

Os escritores dos livros canônicos da Bíblia, inspirados por Deus, são conhecidos como profetas canônicos, ou profetas escritores. Entretanto, as Escrituras também mencionam profetas que não contribuíram para o cânon bíblico. Esses profetas não canônicos incluem figuras como Miriã, Débora, Hulda, Elias, Eliseu e Noé no Antigo Testamento, e João Batista, Ágabo, Silas, Ana e as quatro filhas de Filipe no Novo Testamento. Embora suas mensagens fossem igualmente inspiradas (2 Reis 17:13; Atos 9:10; Atos 13:2; Atos 21:11), seus escritos não foram incluídos no cânon bíblico.

Os profetas canônicos e não canônicos são melhor compreendidos por meio de seu alcance e função. O alcance refere-se à extensão limitada da autoridade de um profeta não canônico. Suas mensagens eram específicas para determinadas pessoas ou períodos de tempo. Por exemplo, o ministério de Natã estava concentrado no rei Davi e em Salomão, dirigindo-se a eles em momentos importantes de seus reinados (1 Samuel 12; 2 Samuel 7; 1 Reis 1). Em contraste, os escritos canônicos foram destinados a todas as gerações e permanecem autoritativos para todos os crentes ao longo da história.

A função refere-se ao papel dos profetas não canônicos em relação às Escrituras. Suas mensagens não introduziam novos ensinamentos doutrinários, mas aplicavam, esclareciam ou reforçavam verdades escriturísticas já existentes. Um exemplo claro é Hulda, a quem Josias consultou em vez do profeta contemporâneo Jeremias (cujos escritos se tornaram parte do cânon). A profecia de Hulda continha dois oráculos: uma advertência de que Israel enfrentaria as maldições de Deuteronômio 28 por causa da idolatria (2 Crônicas 34:24, 25) e uma promessa de que Josias teria um sepultamento pacífico por causa de seu arrependimento (2 Crônicas 34:26–28).

Comentários do Professor

Diferentemente dos profetas não canônicos, os escritos canônicos não têm limites quanto ao alcance ou à função. Eles servem como a revelação infalível de Deus para toda a humanidade, sendo “proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Timóteo 3:16). Apocalipse 22:18, 19 adverte contra acrescentar ou retirar algo da Palavra de Deus, confirmando a finalidade do cânon. Assim, o cânon bíblico fechado permanece como o teste supremo da verdade (Isaías 8:20), garantindo que todos os escritos religiosos — inspirados ou não — sejam avaliados segundo seu padrão divino.

3. Ellen G. White funcionou como uma manifestação pós-canônica do dom profético e, portanto, está subordinada à Bíblia.

Um verdadeiro dom profético pós-canônico não desafia nem diminui a autoridade do cânon bíblico. Pelo contrário, submete-se ao cânon para ser testado e avaliado, estando sempre em harmonia com ele. Assim como os profetas não canônicos das Escrituras, ele nunca introduz uma nova doutrina, mas, antes, reforça a revelação já existente.

O teólogo adventista do sétimo dia Frank Holbrook explicou a relação entre o dom profético pós-canônico e as Escrituras:

“A partir de Moisés (século XV a.C.), as revelações de Deus começaram a ser registradas; ao longo dos séculos, outros profetas registraram as mensagens que lhes foram confiadas, conforme Deus julgou adequado para ampliar a compreensão de Seu povo. Finalmente, Deus escolheu fazer Sua revelação suprema por meio de Seu Filho. Jesus Cristo deu à família humana a maior revelação de Deus que os seres humanos poderiam receber (João 1:18). O Novo Testamento é o testemunho apostólico inspirado e a interpretação de Jesus Cristo e de Seus ensinamentos. Sua vida e revelação são irrepetíveis; o testemunho deles sobre Ele é irrepetível. . .

“Visto que a vida de Cristo na Terra e a interpretação apostólica dela proporcionam a revelação suprema de Deus, nenhuma função do dom profético (como um dos dons espirituais) posterior ao [Novo Testamento] pode igualar, suplantar ou ser um acréscimo ao seu testemunho único. Pelo contrário, todas as alegações de possuir o dom profético devem ser testadas pelas Escrituras (1 Tessalonicenses 5:19–21; 1 João 4:1–3; Mateus 7:15–20).”
— Frank Holbrook, “The Biblical Basis for a Modern Prophet”

Os adventistas do sétimo dia compreendem o papel profético de Ellen G. White dentro dessa estrutura. Como profetisa pós-canônica, ela não alterou nem desafiou o cânon fechado, mas o manteve como a autoridade suprema. Assim como ocorreu com os profetas não canônicos que a precederam, a inspiração de Ellen G. White era a mesma dos escritores bíblicos, mas sua autoridade estava subordinada às Escrituras. Ela procurou engrandecer, esclarecer e aplicar a verdade bíblica, sempre direcionando os crentes de volta à Palavra de Deus como o padrão supremo.

Comentários do Professor

Assim como os profetas não canônicos mencionados acima, o ministério profético de Ellen G. White era limitado quanto ao alcance. Ele era dirigido principalmente aos adventistas do sétimo dia, e não à comunidade cristã em geral. J. N. Andrews enfatizou que seu dom não era um teste do caráter cristão para aqueles que estavam fora do movimento, mas era autoritativo para aqueles que reconheciam sua luz.

Entretanto, alguns de seus escritos, como **Caminho a Cristo e O Grande Conflito**, tiveram um impacto mais amplo, oferecendo percepções teológicas aplicáveis para além do adventismo do sétimo dia. Ela se concentrou em preparar a igreja para sua missão e para a segunda vinda de Cristo, tornando seu ministério específico para aquele período.

O dom profético de Ellen G. White também era limitado quanto à função. Seu papel como profetisa pós-canônica significa que seus escritos, embora inspirados, não possuem a mesma autoridade canônica das Escrituras. Seu ministério profético é definido por sua posição cronológica, pois funcionou após o encerramento do cânon.

Assim, sua função não era acrescentar uma nova doutrina, mas conduzir os crentes de volta à Bíblia, exaltar seus ensinamentos e aplicar seus princípios. Seu ministério serviu para orientar, advertir e fortalecer a igreja, enquanto defendia a sola Scriptura — a Bíblia como a autoridade suprema na fé e na prática. (Para maiores esclarecimentos sobre a natureza “funcional” do dom profético pós-bíblico e Ellen G. White, veja John C. Peckham, *God With Us*, p. 609–614.)

A declaração a seguir expressa da melhor maneira a atitude e a postura teológica de Ellen G. White em relação à Bíblia:

“Se a Palavra de Deus fosse ingerida como alimento para a alma, se fosse tratada com respeito e reverência, não haveria necessidade dos muitos e repetidos testemunhos que são apresentados. As simples declarações das Escrituras seriam recebidas e colocadas em prática. Seus princípios vivos são como as folhas da árvore da vida para a cura das nações. A Palavra do Deus vivo não está apenas escrita, mas também é falada.

A Bíblia é a voz de Deus falando conosco, tão certamente como se pudéssemos ouvi-la com nossos ouvidos. Se compreendêssemos isso, com que reverência abriríamos a Palavra de Deus, e com que seriedade examinaríamos seus preceitos! A leitura e a contemplação das Escrituras seriam consideradas uma audiência com o Ser Infinito.” — Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 393.

Para Estudo Adicional: Veja Jud Lake, **Ellen White Under Fire**, para mais informações sobre a posição dos pioneiros quanto à autoridade final das Escrituras (p. 132–143) e sobre a relação dos escritos de Ellen G. White com o cânon bíblico em termos de seu alcance e função (p. 151–162).

Comentários do Professor

PARTE 3: Aplicação Prática

As seguintes perguntas de aplicação prática, extraídas do comentário acima, são oferecidas para enriquecer a discussão em sua turma. Escolha, entre elas e as que constam na lição, aquelas que melhor envolverão sua turma em uma reflexão significativa.

1. Como você pode usar a compreensão bíblica de um cânone fechado para avaliar alegações proféticas modernas, tanto dentro quanto fora da Igreja Adventista?
2. Como você pode garantir que suas crenças e decisões estejam alinhadas com o cânone bíblico, em vez de preferências culturais ou pessoais?
3. Que passos práticos você pode dar para aprofundar sua confiança na autoridade e na inspiração da Bíblia?
4. Como você pode garantir que sua fé e prática estejam firmemente fundamentadas na Bíblia, ao mesmo tempo em que valoriza a orientação de líderes espirituais ou a voz profética pós-canônica?
5. Se profetas não canônicos esclareciam e reforçavam verdades bíblicas sem acrescentar novas doutrinas, como esse princípio deve orientar os professores e líderes espirituais modernos?
6. Como você reage quando alguém afirma ter uma “nova revelação” de Deus? Que princípios bíblicos você deve usar para avaliar tais alegações?
7. O que significa para um dom profético moderno ser “subordinado às Escrituras”? Como esse princípio se aplica à avaliação de alegações contemporâneas de revelação divina?
8. Se os escritos de Ellen G. White serviam para exaltar, esclarecer e aplicar a verdade bíblica, como eles devem ser utilizados em relação à Bíblia? Você já se deparou com situações em que pessoas colocaram os escritos dela acima da Bíblia?
9. Como você pode compartilhar adequadamente os escritos dela com pessoas de fora da comunidade adventista do sétimo dia, mantendo as Escrituras como o fundamento principal?
10. Quais são alguns equívocos comuns sobre os escritos de Ellen G. White, e como você pode garantir que sua compreensão esteja fundamentada na Bíblia?